



Jaqueline A. Martins Zarbato Schmitt

NIEBUHR, Marlus. Ecoss e Sombras- Memória Operária em Brusque-SC na década de 50. Itajaí: Editora da Univali, 1999. 239 p

“E é na fala dos trabalhadores têxteis que esta pesquisa inspirou-se, através da busca de uma história vivida, aquela de todos os dias. Foi vindo ao lume uma história ainda não contada, que foi sendo apresentada por seus protagonistas com rara beleza. Ao narrar, suas memórias foram sendo recuperadas, seus sonhos lembrados, porém muitos desses momentos não podem ser aqui descritos.”

Memórias, sonhos, experiências, tristezas, componentes, imersos no íntimo de cada ser humano são reavivados na análise de Niebuhr. Ao historicizar não uma, mas várias histórias que não foram contadas, o autor vai aos poucos reconstituindo o cotidiano dos homens e mulheres que integravam um contingente expressivo do operariado textil de Brusque.

Entendendo o espaço fabril como local não só de opressão e disciplinamento, mas principalmente como espaço de formação de experiências, Niebuhr invade, através das memórias, as relações entre os trabalhadores e as trabalhadoras, percebendo o operariado brusquense numa ótica dificilmente abordada na historiografia catarinense.

A greve de 52, que a princípio seria o foco principal, passou a ser pano de fundo, na medida em que as lembranças desses homens e mulheres permitiram ao autor um novo “olhar” sobre a trajetória de vida e de trabalho, onde foi possível perceber como se deram as decepções, os desencantos, as dificuldades, as resistências.

Niebuhr recuperou elementos das vivências desses homens e mulheres que “ocultados pelo tempo” foram emergindo das sombras, materializando-se numa história que tornava-os sujeitos sociais atuantes na história da cidade.

Sendo assim, mostrando uma íntima relação entre o campo e a cidade, quando descreve o cotidiano do colono-operário, nos permite desmistificar inúmeras questões referentes ao operariado. Deste modo, inicialmente destaca que os subúrbios-colônias agregavam um número expressivo de colonos-operários, onde a fábrica, bem como a agricultura eram os meios de sobrevivências dos trabalhadores e das trabalhadoras, dividindo seu tempo

entre a fábrica e a 'roça'. Através das falas percebe-se que os colonos operários ressaltavam algumas vantagens, já que o trabalho agrícola significava uma segurança no orçamento familiar.

No capítulo sobre os subúrbios-próximos, destaca que tinham uma vivência diferenciada, neste sentido, reconstitui os caminhos trilhados na ida para o trabalho, onde salienta que "sua sombra projetada nas pedras do calçamento fazia-lhe lembrar os nomes das principais ruas, nomes que eram estranhos, nomes ostentados por toda a cidade, nomes lembrados no burburinho da praça, nas festividades e no silêncio do lar. (p90)

Entrelaçando, assim o cotidiano dos trabalhadores e das trabalhadoras ao processo urbano, no terceiro capítulo trata dos espaços de sociabilidade, relacionando as transformações que interferiram nas práticas da população. Esse processo influenciou sobre a vida cotidiana dos trabalhadores e das trabalhadoras não só nos espaços de trabalho, no controle dos hábitos, no modo de se vestir, de morar ou de se divertir. Neste sentido, até mesmo o lazer passou a ser um dos meios de intervenção social.

Deste modo, Niebuhr enfoca as principais opções de lazer em Brusque, reconstituindo as idas aos clubes esportivos, bem como o divertimento dos rapazes e moças nas "domingueiras". Na área urbana, o cinema, bem como o footing faziam parte do lazer dos trabalhadores e das trabalhadoras, além desses o jogo de bocha, de cartas também figuravam nos momentos de lazer. Essas lembranças são como um escape do mundo do trabalho, que preenchia todo o tempo na semana, onde a descontração era lembrar dos momentos de lazer.

No capítulo intitulado Confrontos e Resistências descreve o tédio, bem como o ritmo repetitivo de trabalho, sendo que o espaço fabril vai se constituir em um campo de companheirismo e resistência. Se as lembranças ressaltam a preferência nos meios fabris pelo trabalhador de origem alemã, o autor contrapõe essa premissa, argumentando que havia uma heterogeneidade no meio operário, mesclando italianos, brasileiros, alemães e outras etnias.

A coletividade, segundo o autor impulsionou os sujeitos a articularem-se através das práticas cotidianas, refletindo sobre seus interesses e vontades, e que veio à tona com a greve de 52. Assim, quando analisa a greve mostra todo o movimento que a antecedeu, e que nos momentos decisivos de greve, as lembranças retratam a desesperança, as imagens reafirmam a "força" que os patrões impetravam, como por exemplo, a ameaça de demissão. Neste capítulo, traz duas palavras que dificilmente combinavam, Brusque e greve. Mas, a partir da memória dos trabalhadores e das trabalhadoras que vivenciaram aquele período, percebe-se o quanto foi

significativo nas trajetórias de trabalho, onde um entrevistado sintetiza o que foi aquela greve: “Depois disso, não houve mais um a greve bonita como aquela (p210).”

Em suma, o que se torna latente na análise de Niebhuhr é que ele percebe os trabalhadores em meio ao “seu” convívio social, recordando com eles, envolvendo-se no cotidiano, proporcionado que revivessem seus sonhos. A análise de Niebuhr lembra o que Walter Benjamim destaca sobre a narrativa, em que a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito

Logo, mais dos que ecos e sombras tem-se nesse livro uma (re) leitura do cotidiano operário de Brusque, em que os trabalhadores e as trabalhadoras são colocados como sujeitos de sua própria história.